

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESCARTES, R. **Discurso do Método: As paixões alma, Meditações; Objeções e Respostas; Cartas.** São Paulo: Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 1987-1988 2v.

GOTTINGHAM, J. **Dicionário de Descartes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995

JESUS, L. M. **A Questão de Deus na Filosofia de Descartes.** Porte Alegre: Epicurus, 1997.

LACROIX, J. **Marxismo, Existencialismo, Personalismo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

SEVERINO, Joaquim Antônio. **Metodologia do Trabalho Científico.** 21. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000, 331p.

Ele chama as idéias que possuem essas características de natureza simples. Seu conhecimento se efetua por uma intuição direta do espírito, sua verdade é, ao mesmo tempo sua evidência imediata. Daí, a necessidade de decompor toda questão em seus elementos últimos e mais simples e em reconstruí-la para a prova com os mesmos elementos, isto é, com suas próprias evidências. Toda verdade segundo Descartes, é composta por conseguinte, por evidências originárias simples, irreduzíveis ou por noções relacionadas a elas. O que o espírito deve fazer é distinguir o simples do composto e investigá-lo ordenadamente e até chegar a um sistema de elementos no qual o composto possa ser reduzido progressivamente a algo mais simples. Todas as coisas podem ser dispostas em séries distintas. O verdadeiro segredo do método – e que nenhum saber é possível sem método, e este consiste em retornar ao mais Absoluto.

A dúvida metódica exige uma certa clareza e objetividade. Nela, indaga-se pelo último critério de toda verdade. Duvida-se porque justamente somente da dúvida pode nascer a certeza máxima. Uma verdade crível por si mesma, independente de toda tradição e autoridade, uma verdade além disso, da qual se deduzam as restantes por meio de uma série de intuições e no curso de uma cadeia dedutiva. Essa verdade há de ser por outro lado, comum a todo espírito pensante, de modo que seja acessível a todo pensar. Portanto, o exercício da dúvida é necessário sempre diante de todas as situações e problemas.

pressões, somente a partir da certeza de si mesmo e de sua capacidade é que se pode chegar a certeza de Deus.

Na verdade, Descartes procura uma ciência aberta, pública a serviço da humanidade. Os cientistas segundo ele devem ser profissionais que deveriam estar a serviço da humanidade e não sacerdotes de uma nova religião, ou seja, para ele a ciência não pode ocupar o lugar do Absoluto. O Absoluto é somente Deus e não o homem ou a ciência.

Para Descartes o homem deve evitar as precipitações e se prevenir, aceitando somente o que se forma clara e distintamente ao espírito. Diante das dificuldades de entendimento, o melhor a fazer é dividir cada dificuldade em quantas partes seja possível e em quantas partes exija sua melhor solução, deve-se também conduzir os pensamentos ordenadamente, começando pelos objetos mais simples e fáceis de conhecer para ascender gradualmente aos mais compostos, fazer sempre o inventário tão integral e revisões tão gerais que se sinta seguro em não omitir nada. Para Descartes, em princípio não se pode conhecer nenhuma verdade a menos que seja imediatamente evidente. Essa evidência deve possuir as características da clareza e da distinção .

Na verdade Descartes procura uma ciência aberta, pública a serviço da humanidade. Os cientistas segundo ele, devem ser profissionais que deveriam estar a serviço da humanidade e não sacerdotes de uma nova religião, ou seja, para ele a ciência não pode ocupar o lugar do absoluto. O absoluto é somente Deus e não o homem ou a ciência.

Para Descartes, o homem deve evitar as precipitações e se prevenir, aceitando somente o que se apresenta de forma clara e distintamente ao espírito. Diante das dificuldades de entendimento, o melhor a fazer é dividir cada dificuldade em quantas partes seja possível e em quantas partes exija sua melhor.

CONCLUSÃO

Através deste trabalho, foi possível concluir um pouco sobre o significado da dúvida em Descartes, este homem entre tantas qualidades se revelou um homem de método e cientista: matemático, físico, biólogo, metafísico e um homem inteiramente religioso.

Descartes fez um itinerário intelectual de onde fez algumas relações inteiramente relevantes entre: o método, a teoria da criação das verdades eternas, a dúvida e o cogito. Ele inicia seus pensamentos procurando tratar sobre a questão da dúvida e sua importância, ele parte de uma idéia de uma ciência universal e maravilhosa que passa por uma preocupação com o método pela fase propriamente científica, e finalmente, chega a uma metafísica onde se pode tirar várias lições.

Descartes teve uma preocupação com o homem, a liberdade moral. Por isso, a metafísica foi considerada como um elemento consistente e imprescindível do sistema cartesiano.

Entre tantas alertas que ele faz ao homem, diz ele que só deve confiar nas evidências racionais, ensinando o homem moderno, que ele pode e deve ser o senhor do objeto e que está submetido ao ser. O ser que julga a história e constrói a ciência consoante à sua liberdade.

O autor sempre frisa que a dúvida é o ponto de partida para se chegar a uma possível verdade e que o sujeito é muito importante tanto que a primeira certeza a que o homem pode ter é na existência de seus pensamentos. A primeira certeza não reside mais em Deus e no próprio homem. O caminho intelectual, o círculo hermenêutica inaugurado, esse jeito moderno de filosofar, o novo caminho intelectual sugere que o homem pode chegar ao conhecimento da pessoa de Deus, mas não por influência ou

natureza é pensar e este pensar exige do indivíduo a iniciativa da dúvida, do questionamento e da descrença. Através destas práticas é possível afirmar ou negar, querer ou não querer, aceitar ou condenar, crer ou não crer... acima de tudo é capaz de imaginar e sentir. O pensamento humano não é constituído somente de entendimento na sua forma mais bruta, ele abarca várias formas de pensar, abrangendo o querer, o entender e o imaginar. Afinal essas práticas são próprias da alma humana, embora seja preciso prudência e aprendizados para melhor lidar com elas, pois do contrário, elas dominarão a mente do homem.

este mesmo ato de recolocá-la: a afirmação do pensamento. (...) quanto mais profunda se torna à afirmação deste pensamento (Lacroix, J. 1967, p.102).

Ora, o simples fato de se colocar algo em prova, de se duvidar e questionar tal afirmação já é prova suficiente de que o que está por trás desta prática é o pensamento e a razão que estão em plena atividade. O cogito é portanto o primeiro elo da cadeia de verdades positivas, isto é, ele se constitui no modelo e critério de todas as verdades e somente através dele é que se pode de que se é possível à realização da afirmação ou negação de determinadas verdades.

De posse da primeira certeza, de que o homem é capaz de pensar, capaz de esclarecer e investigar com racionalidade percebe-se que tais ações são possíveis não só no campo matemático em relação aos números, em relação a coisas abstratas bem como no âmbito da vida concreta, da existência real. Relativamente a isso, o indivíduo que duvida inevitavelmente se encontra remetido de volta para si mesmo.

Fazendo uma adaptação as frases célebres de Descartes: "eu penso, logo existo" para "eu sou, eu existo" percebe a relação que ele faz com o pensamento. O que garante a certeza se que se existe de fato é a capacidade de pensar, isto é, o fato de estar pensando garante ao homem sua existência:

Eu sou, eu existo, isto é certo: mas por quanto tempo? A saber, por todo tempo em que eu penso, pois poderia talvez, ocorrer que se eu deixasse de pensar, deixaria ao mesmo tempo de ser ou de existir (...) nada sou, pois falando precisamente, senão uma coisa que pensa (*res cogitans*), isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão (Descartes, Apud Jesus, L. M. 1997, p. 47).

A existência é fundamentada em função do pensamento diferente do Cogito, neste não há uma afirmação do primado do entendimento em geral. Descartes esclarece que o Cogito não remete, portanto para um entendimento em geral, para ele o sujeito é antes de tudo uma alma e sua

ele me engana; e por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta preposição: Eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que anuncio ou que a concebo em meu espírito (Descartes, Apud Jesus, L. M. 1997, p. 44).

Portanto, a dúvida se detém, no fato primário de que, ao duvidar, pensa-se que se duvida. Esse é o núcleo irreduzível no qual o duvidar se detém o Cogito ergo sum. Penso, logo existo; ou seja, eu sou, pois uma coisa pensante e esse simples fato me torna grande poderoso e me privilegia enquanto ser.

O cogito para Descartes não é simplesmente um ato intelectual, mas o fato de se possuir uma consciência – afirma ele “*eu sou uma coisa pensante*” e nada mais justo do que fazer por merecer essa natureza. Para Descartes através da consciência e de seu uso adequado é possível chegar ou até encontrar uma realidade que lhe garanta a existência das realidades. Isso pode ocorrer por meio da passagem para a demonstração da existência de Deus. Afinal, somente Deus poderia garantir a coincidência entre tais evidências e suas existências correspondentes.

Pelo que já se viu até o momento, é possível perceber claramente que a busca e a descoberta do método, processo metódico da dúvida, a evidência do Cogito e a demonstração da existência de Deus deformam quatro elementos fundamentais da filosofia de Descartes. Sem sombras de dúvida, a dúvida universal e radical é que gera a nova certeza primeiro: O Cogito:

Segundo *Lacroix* esse cogito está presente na dúvida e por isso de suas relações tão próximas:

(...) na dúvida mesma há uma afirmação inclusa, afirmação sem a qual a dúvida não poderia existir e que não se pode pôr em questão e da qual não se é possível tentar libertar-se sem com

IV CAPÍTULO

A PRIMEIRA CERTEZA

A filosofia de Descartes não pode ser reduzida a uma simples metodologia. Sua filosofia é um conjunto complexo que envolve vários elementos: método; metafísica; antropologia filosófica; desenvolvimentos científicos e matemáticos; preocupações religiosas teológicas, etc. Embora, seja plausível no entanto, começar destacando a busca cartesiana de um novo método, este método, não seria uma mera ordenação e demonstração lógica de princípios já estabelecidos, mas um caminho para a invenção e para a descoberta. Este caminho segundo Descartes, deve de estar aberto a todos, isto é, a todos que procuram participar da razão, da lógica e do bom senso.

Em 1637, Descartes se utilizou em francês de uma frase que marcou não só a história da filosofia bem como a sua própria história quanto pensador: *“je pense, donc je suis”* que se tornou mais conhecida em latim: *“Cogito, ergo sum”* isto é *“Penso, logo existo”*. Dentre tantas lições que podemos tirar desse pensamento, uma merece ser mencionada; a de que enquanto estamos duvidando, estamos buscando uma certeza e isso é muito bom. É muito relevante que a princípio nas consideremos uma verdade a menos que seja evidente. E a nossa capacidade de existir já é prova de que pensar com distinção e clareza é possível a todos, embora alguns parecem não exercer essa capacidade.

Mas eu me persuadi de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns não me persuadi também, portanto, de que eu existia? Certamente não, eu existia sem dúvida, se é que eu me persuadi, ou apenas pensei alguma coisa. Mas há algum, não sei qual, enganador mui poderoso e mui ardiloso que emprega toda sua indústria em enganar-se sempre. Não há pois, dúvida alguma de que sou, se

pensante as verdades, e particularmente as verdades eternas. O eu apreende-se a si mesmo como natureza pensante, e apreendeu a Deus como alguém que me dotou de vontade e razão. A esse respeito, afirma o próprio Descartes:

Além disso, ao nos determos por muito tempo nesta meditação (a primeira) adquirimos pouco a pouco um conhecimento claro e, se assim ousar dizer, intuitivo, da natureza intelectual em geral, idéia que sendo considerada sem limitação, é a que nos representa Deus, é limitada, é um anjo ou de uma alma humana . (Descartes, Apud Jesus, L. M. 1997, p. 42)

III CAPÍTULO

A DÚVIDA E O PROBLEMA DE DEUS

Para se compreender a metafísica de Descartes se torna necessário levar em consideração a dúvida, este é o ponto de partida de toda sua metafísica. Para reforçar o papel importante da dúvida na metafísica cartesiana, *Lacroix* dá um depoimento relevante e coerente:

A dúvida é o único meio de conceber corretamente as causas imateriais ou metafísicas. Segue-se daí que aquele que ainda, não exercitou suficientemente a dúvida é incapaz de compreender qualquer coisa de metafísica e, em conseqüência, que também não poderia em absoluto compreender nada da verdadeira natureza do sujeito pensante e do próprio Deus (*Lacroix*, J. 1967, p. 102).

Para esse autor, existe uma relação muito próxima entre a dúvida e as provas cartesianas da existência de Deus, pois somente através da incerteza sobre a realidade, é que se é possível introduzir uma discussão de um pensamento imperfeito com o objetivo de se atingir o perfeito. Com a dúvida, inicia-se um processo de reflexão de quem duvida, ou seja, do eu em direção a Deus. Portanto, para compreender a Deus ou para D'Ele se aproximar é preciso que os homens estejam dispostos a prática desse exercício tão importante que é o da desconfiança. Somente dessa forma, esses indivíduos serão gradativamente levados a efetiva realização da virtude de se formar um conhecimento intuitivo de Deus. A dúvida é pois, o esforço supremo de espiritualização do espírito.

A razão cartesiana por ser considerada intuitiva, no sentido de que parte de instituições para desembocar em instituições, em uma cadeia que tem de ser perfeitamente transparente. Pois bem, a filosofia de Descartes não se detém na passagem da prova de existência do eu como pensante para a prova de Deus como ser infinito capaz de garantir ao eu

Na metafísica de Descartes ele passa a duvidar de tudo, e não apenas das autoridades e das aparências do mundo sensível, mas também um pouco das verdades matemáticas. O processo da dúvida é levado as suas últimas conseqüências à hipótese do gênio maligno, introduzido por ele para esgotar completamente a série de possíveis dubitações.

Mas, uma vez praticada essa dúvida metódica e radical enquanto o espírito pensa na possibilidade de todo tipo de falsidades, ele percebe que há algo de que não é possível duvidar de maneira alguma, isto é, de que o próprio sujeito pensa. Portanto, a hipótese do gênio maligno é um meio de duvidar, um artifício utilizado para contra balancear a força de nossas opiniões, heranças habituais. No Discurso do Método, Descartes afirma que o bom senso (a razão) é a coisa mais bem partilhada. A capacidade de distinção do verdadeiro do falso é igual em todos os homens, a diversidade de opiniões, no entanto decorre da multiplicidade de caminhos e da consideração de coisas diferentes. Não é suficiente que os homens tenham um bom espírito, é necessário que eles saibam aplicá-los bem. Há sempre uma necessidade de uma regulamentação e de um controle da razão para que ela proceda retamente, na busca da verdade absoluta das coisas.

A hipótese do gênio maligno traz consigo a doutrina da veracidade divina, da qual é o reverso, o que acaba abordando uma crítica da ciência que busca compreender a relação entre verdade e ser, isto é, o conhecimento começa a ser focado no ser.

Enfim, Descartes acredita que o conhecimento fundamentado nos sentidos não serve e que os conhecimentos seguros são aqueles com base objetiva e não subjetiva, dando margens a várias interpretações. O homem pode se assegurar de uma coisa: de que todos são capazes de pensar de forma clara e eficiente.

é oriundo de algo verdadeiro, podem porém ser meras produções imaginárias e por isso inconvenientes de credibilidades, já que são irrealis.

Diz Descartes nesse sentido que mesmo as combinações ilusórias devem seguir a uma categoria universal de categoria simples com extensão, quantidade, grandeza, número, espaço e tempo, constituindo assim o objeto da matemática, esta sim é confiável e segura, afirma Descartes:

Pois quer ou esteja acordado ou dormindo, dois mais três formarão sempre o número cinco e o quadro nunca terá mais que quatro lados; e não parece possível que verdades tão potentes possam ser suspeitas de alguma falsidade ou incerteza. (DESCARTES, Apud Jesus, L. M. 1997, p. 38).

Um outro argumento desse filósofo muito considerado por ele, é que as verdades matemáticas não estão igualmente sujeitas a análise de dúvida, isto é, elas escapam contrariamente como acontece com os objetos sensíveis.

Descartes descreve mais dois argumentos que estendem a dúvida, as verdades matemáticas, começando pelo suposto Deus, enganador que corromperia a mente de cada um para que estes se enganariam constantemente. Quanto esse Deus diz ele que não haveria de ter motivo para isso. Descartes acreditava que Deus criou por sua livre vontade as verdades eternas (evidências lógicas, verdades matemáticas, leis físicas, essências das coisas, valores morais...) e assim as manteria.

Descartes introduziu uma outra cautela na aceitação das idéias. Poderia ocorrer, diz ele que os conhecimentos adventícios que eu considero como correspondentes a impressões de coisas que realmente existem fora de mim fossem provocadas por um gênio maligno que desejasse enganar-me.

Suporei, pois que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, que não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria e enganar-me (DESCARTES, Apud Jesus, L. M. 1997, p. 39-40).

CAPÍTULO II

A DÚVIDA E SEUS ARGUMENTOS

Descartes rompeu o aparato conceitual da escolástica medieval para edificar seu próprio sistema, e por isso ele é considerado um dos fundadores da Filosofia Moderna. Convencido de que a realidade inteira respondia a uma ordem racional, ele pretendeu criar um método que possibilitasse alcançar, em todo o âmbito do conhecimento, a mesma certeza que a aritmética e a geometria, proporcionavam em seus campos.

Segundo este autor, para se alcançar um conhecimento certo, lógico e válido deve ser este, independente dos sentidos, uma vez que eles podem nos enganar. Diz ele que se for necessário começar tudo de novo para alcançar o objetivo almejado, pois que se faça. Nesse sentido, se faz necessário rejeitar e desfazer de antigas opiniões contraditórias, que só nos conduzem para fatos incertos e falsos. Para se construir um conhecimento seguro, este não deve ser baseado em senso comum ou em opiniões preconceituosas.

Descartes ao compreender a importância de não nos apoiar nos nossos sentidos como ponto de referência para se chegar à verdade, ele analisou os princípios sobre os quais eles estão apoiados.

O primeiro grau da dúvida é constituído pelo argumento do erro dos sentidos. E considerando perigoso confiar em algo que por si só não tem garantia de confiabilidade. A dúvida tem que estar presente até mesmo nas coisas que nos parece indubitáveis como nos casos dos conhecimentos sensíveis, é aqui que pode surgir um novo grau da dúvida, que se entende a todo conhecimento sensível que é argumento do sonho. E se há possibilidade de não conseguirmos diferenciar o sonho da realidade é sinal de que não devemos confiar em tais realidades. Embora haja um reconhecimento que algumas coisas são representadas durante o sono que

inadequada. Fazendo isso, o homem estará partindo do mais compreensível ao complexo. Também é muito importante revisar constantemente os processos da reflexão, pois assim, há uma maior segurança de não ter havido nenhuma falha, omissão ou até mesmo erro.

Percebe-se então que o método que Descartes, usa para se obter a certeza é a dúvida metódica, onde se questiona e se duvida de todos os seus conhecimentos, inclusive a própria existência. Ele chama a nossa atenção à própria existência. Ele chama atenção para dentro de nós mesmos e para que saibamos usar uma das nossas maiores faculdades e privilégio, que é a capacidade de pensar duvidando afinal, não se pode duvidar sem pensar e vice-versa.

Segundo Descartes, o homem é um ser substancialmente fantástico, maravilhoso e cheio de potenciais. Como ele mesmo disse “penso, logo existo”, mas é preciso prudência e muita cautela para o homem não se deixar influenciar pela falsa ciência, pela mídia ou pelas incoerentes meditações. A dúvida é, portanto a primeira virtude de um verdadeiro pesquisador.

seguro quanto às dúvidas anteriores e perceba dessa forma que elas só vieram para acrescentar e enriquecer seus caminhos.

A Dúvida Cartesiana é diferente das demais pois esta tem a intenção de atingir o modelo padrão de todo o conhecimento, surgindo da razão e não dos sentidos. Na verdade ela nos prepara para que sistematicamente acostumemos o nosso espírito para se desligar daquilo que é falso, improdutivo e passageiro. Assim, duvidando sempre da verdade que é dita ou até mesmo imposta por alguns, para que a nossa mente não se torne refém da passividade, da imposição e da verdade.

A dúvida, em suma, é um meio para que um fim, não um fim em si. É, no final das Meditações, é admirável que o meditador seja capaz de descartar, com alívio, sua dúvida anterior, que então, passa a considerar risíveis e exagerados (COTTINGHAM, J. 1995, p. 56-7).

Segundo Descartes, para que o homem possa chegar a um conhecimento que não é falso é preciso que ele tenha controle de si mesmo e passar a não aceitar como verdade senão aquilo que vê distintamente como tal. Acreditar em tudo lhe é apresentado sem pelo menos o direito ou a iniciativa de se indagar as segundas intenções de quem fala ou não conhecer a real veracidade da questão, revela no homem um ser fraco e sem controle de sua mente e espírito dessa forma não se torna um cidadão digno de si mesmo.

Há alguns caracteres essenciais do método de Descartes que é muito importante pontuar: decompor cada problema em suas partes mínimas, pois pouco se resolve tentar solucioná-los com pressa e precipitação, se antes estar devidamente preparado, o mais importante é resolvê-lo de forma paciente como na construção de uma casa, onde se começa primeiro do alicerce, e ir construindo com perfeição e segurança para se obter um produto final de ótima qualidade, da mesma forma com o nosso pensamento, primeiro se deve conhecer o problema e resolvendo parte por parte, assim não corre o risco de transtorno ou de solução

CAPÍTULO I

A DÚVIDA COMO PONTO DE PARTIDA

Merecidamente René Descartes é considerado o pai do pensamento moderno, afinal ele propôs o método em sua filosofia, método este capaz de exigir uma ciência certa, que domine a natureza, ou seja, Descartes vê no método um ponto de partida para se chegar à verdade. Para ele é necessário aprender a distinguir o verdadeiro do falso para que ações por alguém realizadas possam ser planejadas com segurança e maturidade. Partiu da dúvida para se chegar ao cogito, alcançando dessa forma a primeira certeza.

A dúvida é ponto de partida da metafísica Cartesiana e nesse sentido ele expõe duas perspectivas diferentes: a do Discurso e das Meditações. O Discurso é o escrito de um homem de ciências e como tal começa toda a exposição através de indagações, da reflexão e da dúvida, pois assim ele estará resguardando um caráter cientificamente seletivo, isto é, buscando sempre um critério de verdade cientificamente e não problema da natureza comum a todos, ou seja ontológica. Quanto às meditações já tratam mais da problemática já antes citado que é a ontológica.

Descartes defende a idéia de que para se chegar a uma possível verdade universal é preciso antes de tudo, que se comece passando por um método e esse te remete ao questionamento ~~evitando~~ a precipitação, a prevenção, e aceitando somente o que se apresenta clara e distintivamente ao espírito. É preciso duvidar até mesmo daquelas coisas que muitas vezes nos parece ser certas, evidentemente verdadeiras.

Seja qual for a situação, a dúvida sempre se fará necessário. Ela é uma arma poderosa, fundamento do método e a sua intenção é chegar à certeza e por isso se denomina dúvida metódica. As dúvidas funcionam como caminhos para que ao final de uma reflexão o meditador sintase

INTRODUÇÃO

O ponto de partida da metafísica ou filosofia de Descartes é a dúvida. Desta forma, estudar o pensamento cartesiano é procurar entender o significado da dúvida. Este é o objetivo deste trabalho.

No capítulo I, a dúvida será abordada como um referencial de orientação para chegar a verdade da existência do homem como ser pensante, em todos os campos que sejam possível indagação ou a investigação. Como instrumento capaz de orientá-lo para a verdade. Afinal não se pode negar que toda a filosofia de Descartes parte de uma dúvida radical.

No II capítulo, faz-se um estudo da dúvida e seus argumentos comprovando dessa forma que somente por ela é possível chegar a uma verdade absoluta: Deus. Aqui a descoberta do ser pensante que essa capacidade passa a questionar até a própria existência.

No III capítulo, é realizada uma reflexão puramente filosófica sobre a dúvida e o problema de Deus. A grande heritagem cartésien para o tratamento da questão de Deus é insopitavelmente, o novo ponto de partida erigido por Descartes: o sujeito. A certeza primeira não reside em Deus, mas no homem.

No capítulo IV, conclui-se que o homem chega através da dúvida na primeira certeza de que é como ele mesmo disse: Penso, logo existo, isto é o homem capaz de pensar e pensar com seriedade, afinal a sua existência só foi projetada com o objetivo de que ele hoje pensa com racionalidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I	
A DÚVIDA COMO PONTO DE PARTIDA.....	09
CAPÍTULO II	
A DÚVIDA E OS SEUS SEGMENTOS.....	12
CAPÍTULO III	
A DÚVIDA E O PROBLEMA DE DEUS.....	15
CAPÍTULO IV	
A PRIMEIRA CERTEZA.....	17
CONCLUSÃO.....	21
BIBLIOGRAFIA.....	24

Agradeço ao poder Supremo, digo Deus, pela criação ou melhor dizendo minha vida, com certeza em primeiro plano, meus pais autores de minha vida. Também a oportunidade e o privilégio de freqüentar uma escola. Pois este é o caminho perfeito do Ser, é por ele que adquirimos o conhecimento, tesouro imensurável.

Não poderia deixar de citar os mestres, a começar de minha professora da série inicial que a lembro com clareza, até os dias de hoje, também os professores atuais, os quais me orgulho muito, mesmo porque depois de algum tempo parada, voltar a estudar foi muito bom. Buscar nesta fonte a sabedoria é algo que me fará com certeza pessoa capaz de conduzir até o meu próximo um pouco do muito que aprendi.

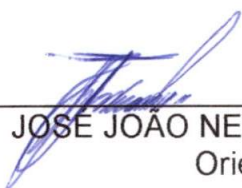
Dedico a minha mãe que com carinho de mãe até hoje me dá forças nesta busca tão valiosa, aos meus irmãos, que juntamente com ela partilharam grandioso trabalho; também em memória de meu pai. Ao meu esposo que com paciência, tolerância e carinho contribuiu muito para essa conclusão. A minha filha, que hora a deixava com o papai, hora com a vovó e os tios que muito colaboraram com esse magnífico trabalho. Aos mestres que muito somou a esse conhecimento não acabado, porém jamais infinito, que com respeito e carinho os tenho guardados em minha lembrança.

*“Definir é cercar com um muro de palavras,
um terreno baldio de idéias.”*

Samuel Butler

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

Monografia apresentada no dia 16 de dezembro de 2004 como parte das exigências do Curso de Filosofia.



JOSE JOÃO NEVES L. B. VICENTE
Orientador

MARIA ÉDINA LOIOLA ARAÚJO FERREIRA

O SIGNIFICADO DA DÚVIDA EM DESCARTES

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, sob a orientação do professor José João Neves L. B. Vicente

FACER
2004

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

O SIGNIFICADO DA DÚVIDA EM DESCARTES

RUBIATABA
2004

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA



O SIGNIFICADO DA DÚVIDA EM DESCARTES

MARIA ÉDINA LOIOLA ARAÚJO FERREIRA

30683
Saori

Tombo nº	9432
Classif.:
Ex.:	1
.....
.....
Origem:	d
Data:	14.02.05

RUBIATABA – GO
2004